

QUAL O FUTURO DO HAMAS APÓS O ASSASSINATO DE HANIYEH?

Por Alexandre Aoun*



Yahya Sinwar, chefe do Hamas em Gaza, durante uma reunião com líderes de facções palestinas em seu escritório na Cidade de Gaza, 13 de abril de 2022 (Adel Hana/AP Photo).

O assassinato de Ismail Haniyeh abalará o movimento islâmico de Gaza? Rapidamente substituído por Yahya Sinwar, o Hamas ainda goza de muita popularidade entre os palestinos e sua ideologia continua ganhando terreno.

Poucos dias depois do assassinato seletivo de Ismail Haniyeh na capital iraniana, na madrugada de 31 de julho, o Hamas voltou-se para Yahya Sinwar para assumir as rédeas da organização e evitar um vácuo organizacional. Vários nomes circularam. O de Khaled Mechaal voltou muitas vezes para assumir a liderança do movimento, ele que ocupou esse cargo com Haniyeh. Ele também está baseado no Catar desde 2012. Os nomes de Khalil al-Hayya, número dois do movimento, também residente no emirado do Catar, e Moussa Abou Marzouk, um alto líder do movimento que viveu no Egito e nos Estados Unidos, também foram aventados.

CADA VEZ MAIS PERTO DE TEERÃ

A escolha de Yahya Sinwar parece ser uma mensagem clara ao Irã e ao Hezbollah. Ele é um homem do “eixo da resistência”, ao contrário de Khaled Mechaal, que não estava nos bons livros de Teerã dadas as suas posições divergentes em relação ao

conflito na Síria. O país dos mulás conseguiu, portanto, com esta nomeação, alargar a sua influência sobre o Hamas.

Obstinado em sua luta pela resistência palestina, intransigente na sua implementação, também sanguinário para com os seus compatriotas de Gaza acusados de colaborar com o Estado hebreu ou de se afastarem da doxa islâmica radical que interpreta, Yahya Sinwar é um dos principais arquitetos dos ataques de 7 de outubro em território israelense. Ele é um dos primeiros apoiadores do movimento do Xeque Yassin.

Nascido em 1962 no campo de refugiados de Khan Younes, onde seus pais encontraram refúgio depois de fugirem do norte do enclave palestino após a Nakba em 1948, Yahya Sinwar cresceu em uma família numerosa. Juntou-se ao Hamas em 1987, ano em que foi criado, durante a primeira intifada. Rapidamente foi-lhe confiada a liderança do Majd, uma unidade repressiva destinada a punir atos imorais ou de traição por parte dos habitantes do enclave. O homem é responsável por cumprir sua tarefa no sul do enclave. Ele é, portanto, responsável por reprimir atos considerados imorais e desviantes, como a pornografia, a homossexualidade ou mesmo as relações extraconjugais. Ele também participa da luta contra os palestinos que cooperam com Israel.

Sinwar, conhecido como Abou Ibrahim, foi preso entre 1989 e 2011 e depois libertado no âmbito de um intercâmbio com as autoridades israelenses. Formado em árabe pela Universidade Islâmica de Gaza, ele também fala hebraico fluentemente. Em 2012, foi eleito membro do gabinete político do Hamas na Faixa de Gaza e responsável pela questão da segurança. No ano seguinte, tornou-se membro do gabinete político geral e responsável pelos assuntos militares. Em 2015, os Estados Unidos o colocaram na lista dos terroristas internacionais. Em fevereiro de 2017, Sinwar foi eleito chefe do gabinete político do Hamas na Faixa de Gaza. Ele foi reeleito para um segundo mandato em 2021.

POPULARIDADE CRESCENTE

Apesar dos rumores sobre seu estado de saúde ou sua fuga para o Egito, o homem está presente nos túneis de Gaza desde o início das hostilidades com o Exército israelense. *“A nomeação do arquiteterrorista Yahya Sinwar à frente do Hamas, em substituição de Ismail Haniyeh, é uma razão adicional para eliminá-lo rapidamente e varrer esta organização desprezível do mapa”*, indicou Israel Katz, chefe da diplomacia do estado hebraico. A sua vida é, portanto, um tempo emprestado, como a dos executivos da organização Hamas.

Na verdade, desde o início da guerra no enclave de Gaza, além dos bombardeios maciços no território palestino, as Forças de Defesa de Israel (FDI) têm-se esforçado por matar os líderes do movimento islâmico. Além de Ismail Haniyeh, o Exército israelense assumiu recentemente a responsabilidade pela morte de Mohammed Deif, homem-bomba do partido durante várias décadas, a de Abel Al-Zeriei, responsável pelas finanças e logística e também a de Samer el-Hajj, responsável pela segurança de Hamas no maior campo palestino no Líbano, em Ain el-Helwé.

Independentemente destes assassinatos seletivos para desferir um golpe na organização, a ideologia do movimento continua ganhando terreno. O porta-voz do movimento, Abou Obeida, disse em julho passado que, apesar dos intensos bombardeios na Faixa de Gaza, o movimento conseguiu recrutar milhares de novos combatentes.

Além disso, para além do enclave de Gaza, a influência do movimento, bem como a da Jihad Islâmica, está crescendo exponencialmente na Cisjordânia, um território conhecido por ser favorável à Autoridade Palestina de Mahmoud Abbas. No entanto, dado o silêncio do líder de Ramallah e a sua crescente impopularidade, os movimentos islâmicos estão ganhando terreno e têm numerosas células.

Além disso, em junho passado, de acordo com o Centro Palestino de Investigação e Pesquisa Política, com sede em Ramallah, mais de dois terços dos palestinos na Cisjordânia e em Gaza continuaram a apoiar o Hamas em sua guerra contra o Exército israelense na Faixa de Gaza. Este relatório também mostra a opinião favorável dos palestinos ao movimento Houthi no Iêmen que está realizando operações no Mar Vermelho, mas também ao Hezbollah que tem enfrentado o Exército israelense em uma guerra latente desde 8 de outubro.

Relativamente a esta crescente influência do Hamas nos territórios ocupados, o chefe da diplomacia israelense destacou recentemente o fato de a Jordânia estar se tornando um país de trânsito de armas e dinheiro iraniano destinado ao movimento islâmico palestino, acusações negadas por Amã. Em todo o Oriente Médio, os líderes do movimento islâmico têm acesso à Turquia, Líbano, Catar, Omã, Argélia e Irã. A Rússia e a China também receberam delegações do movimento para tentar impor um roteiro entre todos os partidos palestinos.

Destruir militarmente o Hamas é um objetivo que Israel está pensando para alcançar devido à densidade populacional em Gaza e à resiliência do movimento que continua realizando operações, inclusive em territórios controlados pelas FDI. Os combatentes das brigadas al-Qassem perderam numerosos batalhões (12 de 24), mas a mobilização de novos recrutas não enfraqueceu. No que diz respeito à ideologia do movimento, está mais viva do que nunca e é alimentada pelo próprio conflito. Quanto mais os bombardeios israelenses continuam, mais o pensamento político islâmico do Hamas ganha popularidade.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

**Alexandre Aoun é jornalista franco-libanês e analista geopolítico especialista no Oriente Médio. Tem formação em História e Geografia e mestrado em Relações Internacionais com especialização no Mundo Árabe. Com experiência profissional no Líbano e na Síria, conhece profundamente o tecido social e religioso das sociedades orientais. Fundou o site monorient.fr, onde analisa as notícias, a história e a cultura do Oriente Médio. Seu trabalho tem sido publicado em meios especializados como Chronik, Middle East Eye, Orient XXI, Le Monde Arabe, IHEDN e Journal International. Atualmente é repórter da equipe editorial do Sputnik News.*
